

Hipóteses sobre a presença ausente da comédia na Poética de Aristóteles

André Carrico

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – Unicamp

Doutorando- Processos poéticos da cena – Or. Profa. Dra. Neyde de Castro Veneziano Monteiro

Resumo:

O presente artigo busca desvendar o possível *ranço* que a academia vota às investigações do cômico. Partindo da hipótese de que um dos motivos para a conotação pejorativa que a comédia carrega se deve ao desaparecimento da teoria aristotélica que tratava do cômico, o texto debruça-se sobre as referências ao gênero que constam daquilo que nos sobrou da Poética de Aristóteles. Analisa a implicação negativa ou inferior em relação à comédia contida nas palavras do filósofo. Examina também textos de comentadores acerca da obra aristotélica (Stinton, Lear, Golden) e levanta as perguntas: a partir de Aristóteles, a comédia degrada o homem ou apresenta o homem no que ele tem de desagradável?

Palavras-chave: Dramaturgia, comédia, Poética de Aristóteles

Como pesquisadores das artes cômicas temos percebido em nossa prática dentro do universo acadêmico certo preconceito em relação à comédia. Não raro, professores e colegas de turma, pesquisadores e docentes, mesmo aqueles ligados ao Teatro, demonstram indisfarçado desprezo pelos temas que envolvem a teoria cômica, como se escrever a respeito da comédia fosse fácil, superficial, desnecessário ou uma atividade *inferior*, para usar um termo aristotélico. Outras vezes, quem escreve sobre o cômico busca escorar suas investigações nas grandes teorias da crítica literária, filosófica, psicanalítica ou semiótica; como se o fato de escrever sobre a comédia não se sustentasse *per sí*, necessitando de maior justificação teórica. Parece, às vezes, que o pesquisador precisa desculpar-se por ter o prazer de debruçar sobre esse objeto. Qual a origem desse possível *ranço* que a academia vota aos temas cômicos? É o que vamos nos arriscar a responder a seguir, a partir das referências à comédia na Poética de Aristóteles.

A Poética não é apenas a primeira teoria do Teatro ocidental; trata-se de um livro que influenciou essa arte ao longo de sua história e que ainda ecoa. As páginas que dela nos chegaram tratam da natureza e das espécies da poesia, incluindo aí o poema trágico ou tragédia. Portanto o objetivo do livro não é tratar do gênero cômico. Ao que tudo indica, haveria um segundo tomo dessa obra que não sobreviveu. Segundo uma lenda, seu último (ou único) exemplar original teria sido queimado no incêndio do Farol de Alexandria. Há quem chegue a duvidar da existência desse segundo volume; outros acreditam que o filósofo grego teria tratado resumidamente da comédia na segunda parte de sua Arte Poética. O fato de Aristóteles ter escrito no livro VI: “Da arte de imitar em hexâmetros e da

comédia trataremos adiante”¹ e mesmo de afirmar que escreveu sobre a comédia em sua *Retórica*, não significa *necessariamente* que ele tenha efetivado sua intenção. Há por isso quem atribua a conotação pejorativa que a comédia carrega ao desaparecimento da teoria aristotélica que tratava do cômico. Teria ao longo dos séculos o pobre filósofo grego assumido a condição de bode expiatório dessa dívida que o fragmento conhecido da Poética teria com a comédia?

A Poética é um conjunto de anotações dos alunos do mestre estagirita e como tal seu legado teórico pode ser perigoso. Algumas vezes caímos numa armadilha criada pelas nuances dos vocábulos de uma língua que já não é falada e de um pensamento que já não está presente no nosso modo de pensar. Concorrem para esse embotamento as traduções que se negam e se completam entre si e os textos dos comentadores (que não apenas traduzem as idéias do autor mas muitas vezes completam as lacunas deixadas pelo filósofo e os trechos obtusos, adaptando a teoria aristotélica às suas próprias conclusões). Outras vezes, perdidos no emaranhado labirinto das idéias aristotélicas, preparamos a nossa própria arapuca semântica. Esses são os riscos assumidos por quem se debruça sobre o livro incompleto.

Queiram ou não aqueles que defendem Aristóteles contra a acusação de ser o responsável por uma possível inferiorização da comédia, se seguirmos os rastros das referências ao gênero na sua Poética, fica clara a conotação negativa atribuída ao cômico por ele. Basta acompanharmos o texto. Com relação à imitação (ou representação) dos homens, Aristóteles nos diz: “Nessa mesma diferença divergem a comédia e a tragédia; esta os quer imitar inferiores e aquela superiores aos da atualidade”.² Segundo a inclinação dos autores para escrever, o filósofo sentencia: “Uns tornaram-se, em lugar de jâmbicos, comediógrafos; outros, em lugar de épicos, trágicos, por serem estes gêneros superiores àqueles e mais estimados.”³ Ou seja, em que pese não termos tido acesso ao que provavelmente Aristóteles tenha escrito no livro perdido da Poética, essas linhas não parecem ser, à primeira vista, considerações positivas. Aqui a comédia aparece como um gênero literário inferior à tragédia. A definição do riso como um “defeito e uma feiúra sem dor nem dano”, que aparece depois, também aparenta negatividade. Apesar de Aristóteles afirmar que as tragédias eram mais estimadas, a História do Teatro⁴ ressalta o grande apreço que os cidadãos gregos tinham pela comédia, primeiro por Aristófanes e depois pelos autores da Comédia Média e da Comédia Nova. Essa hostilidade filosófica ao riso

¹ ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO; A Poética Clássica, tradução Jaime Bruna – 12ª Ed.- SP, Cultrix, 2005.

² Idem.

³ Idem, ib.

⁴ BERTHOLD, Margot. *História Mundial do Teatro*. São Paulo:Perspectiva, 2001.

parece não corresponder, segundo a historiografia, ao prestígio de que ele gozava entre as práticas sociais gregas.

Talvez possamos entender o sentido de “superioridade” empregado aqui por Aristóteles se analisarmos a utilização do termo *melhor* no início do livro XXVI da Poética: “Pode alguém ficar em dúvida sobre qual a *melhor* imitação, se a épica, se a trágica. Com efeito, se a menos vulgar é a *melhor* e tal é a que visa a um público *melhor*, é por demais evidente ser vulgar a que imita tendo em vista a multidão.”⁵ Ora, Aristóteles considerava a tragédia *superior* à epopéia por somar aos méritos desta a música e o espetáculo e por ter menor extensão e apresentar maior unidade. Também argumentava, segundo a tradução utilizada na citação acima, que a tragédia era menos vulgar por dirigir-se aos melhores espectadores. Vulgar, do Latim *vulgaris* (comum) derivativo de *vulgo*, povo ou multidão. Concluimos daí que, para o preceptor de Alexandre, o que é vulgar, ou seja, aquilo que é destinado ao povo, é inferior. E aquilo que tem em vista a multidão é vulgar. Sendo portanto a comédia clássica popular por natureza, seria inferior pelo mesmo motivo?

Entretanto não é com negatividade ou inferioridade que Verena Alberti (1999) entende a visão aristotélica: “A representação de homens baixos, apesar de seu cunho eticamente negativo, não implica uma inferioridade *a priori* da comédia, que é tão legítima quanto a tragédia do ponto de vista da criação poética.”⁶ Entretanto, Aristóteles não parece falar em legitimidade. Ao contrário, quando fala da criação poética deixa claro que, embora seguindo suas inclinações ou temperamento, os poetas que escolheram trabalhar com a tragédia o fizeram por ser esta “superior e mais estimada”. Segundo Fuhrmann (*apud* Alberti, 1999) enquanto a epopéia e a tragédia estavam no seu auge na época da produção da Poética, a comédia ainda estava em desenvolvimento. Séchan (*apud* Minois, 2003) também aponta para o fato de que poucos registros sobre a comédia nos foram deixados nas cerâmicas e pinturas do período. Talvez, por esses motivos, a comédia não tenha sido um tema tão importante para o autor da Poética.

Para Aristóteles, a comédia é uma das artes que imita as ações do homem. Distinguem-se essas artes entre si a partir dos seus meios, objetos e modos de representar. O único ponto de vista específico da comédia é o dos objetos representados: enquanto a tragédia e a epopéia imitam ações nobres, a comédia se ocupa das ações baixas. Ou seja, segundo palavras de Aristóteles, a comédia apresenta personagens em ações piores e a tragédia melhores do que os homens são. A pergunta que fica é: a comédia degrada o homem ou apresenta o homem no que ele tem de desagradável? Para desgosto de Aristóteles, o poeta cômico apresenta o homem como ele é e não como deveria ser.

⁵ Idem, ib.

⁶ ALBERTI, Verena. *O riso e risível na história do pensamento*. RJ: Jorge Zahar:FGV, 1999.

Se, conforme segue o autor da Poética, só podemos rir de uma deformidade física que não seja sinal de dor ou de doença, podemos concluir que a deformidade cômica opõe-se à violência trágica, não causando terror nem piedade. Estaria, por esse motivo, a comédia dissociada da catarse? Mas o quê exatamente o fundador do Liceu queria dizer com esse termo?

Catarse é o processo que desperta, a partir da mimese, horror e piedade. Ainda que já tenha sido vista como cura para uma condição patológica, há fortes argumentos a favor do entendimento do termo como uma “orientação para o mundo” (Lear, 1992). Para Else (*apud* Carlson, 1997) “a katharsis ocorre não no espectador mas no enredo, por harmonizar em si elementos divergentes. A resposta final do espectador é a essa harmonia e não à experiência da eclosão e purgação das emoções.”⁷ Segundo Lear (1992), a catarse poderia ser uma educação das emoções e, neste sentido, estar muito mais ligada a uma manifestação intelectual do que emocional. Até porque, para Aristóteles, a própria virtude consiste em ter a resposta emocional certa para cada circunstância. Lear apresenta ainda citações da obra aristotélica nas quais o termo catarse aparece ligado à educação.

Se a tomamos nesses termos, podemos aproximar a “catarse cômica” muito mais do *ridendo castigat mores* de Aristófanes do que de uma liberação de emoções reprimidas.⁸ Lembremos, antes de tudo, que é preciso compreender para se achar graça de uma piada. E se Aristófanes foi o primeiro, antes de uma fila interminável de comediógrafos, a utilizar a comédia para a crítica social e de costumes, então é possível arriscar-se a pensar numa catarse intelectual despertada pelo riso.

Aristóteles também escreveu que “o homem é o único animal que ri”⁹ e não que “o riso é o próprio do homem”, tradução positiva defendida por algumas citações. Essa frase está no contexto de uma explicação sobre o funcionamento do diafragma. Isso é antes uma constatação fisiológica do que uma afirmação positiva do riso.

Assim, não é difícil concluir pela análise de suas próprias palavras, que Aristóteles tinha a comédia em conta menor. Isso não diminui em nada a sua obra; antes, mostra que a Poética alinhava-se à sua época e ao seu modo de pensar. A conotação negativa da comicidade que ele propõe talvez seja um reflexo do seu sistema lógico, incompatível com a poética cômica por natureza.

Referências Bibliográficas

⁷ CARLSON, Marvin. Teorias do Teatro: estudo histórico-crítico dos gregos à atualidade - trad. Gilson César Cardoso de Souza - SP: Fundação Editora da Unesp, 1997.

⁸ Para Francesco BUONAMICI (*apud* YEBRA, 1992), “com o riso se purga a comédia, com a compaixão, a tragédia.” (tradução nossa)

⁹ ARISTÓTELES in As partes dos animais *apud* ALBERTI, 1999.

- ALBERTI, Verena. *O riso e risível na história do pensamento*. RJ: Jorge Zahar:FGV, 1999.
- ARISTÓTELES, *Arte Retórica e Arte Poética*, tradução Antônio Pinto de Carvalho – 14ª Ed.-, RJ: Ediouro, 1998.
- ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, tradução Torrieri Guimarães, SP: Martin Claret, 2001.
- ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO; *A Poética Clássica*, tradução Jaime Bruna – 12ª Ed.- SP, Cultrix, 2005.
- BERTHOLD, Margot. *História Mundial do Teatro*. São Paulo:Perspectiva, 2001.
- BITTNER, Rüdiger. *One Action* in RORTY, A. O. (ed.), *Essays on Aristotle's Poetics*, Princenton: Princeton University Press, 1992.
- ELSE, G. F., *Imitation in the Fifth Century* in *Classical Philology* n. 53, 1958.
- GOLDEN, Leon. *Catharsis* in *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, vol.93, 1962.
- GOLDEN, Leon. *Epic, Tragic and Katharsis* in *Classical Philology*, vol. 71, n. 1, jan. 1776.
- GOLDEN, Leon. *Mimesis and Katharsis* in *Classical Philology*, vol. 64, n.3, 1969
- LEAR, J. *Katharsis* in RORTY, A. O. (ed.), *Essays on Aristotle's Poetics*, Princenton: Princeton University Press, 1992.
- MINOIS, Georges. *História do Riso e do Escárnio*. SP: Fundação Editora do Unesp, 2003.
- PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro* – 3ª Ed. – SP: Ed. Perspectiva, 2008.
- STINTON, T.C.W. *Hamartia* in *Aristotle and Greek Tragedy* in *Classical Quarterly*, n. 25, 1975.
- SOUZA, Eudoro, *Introdução* in ARISTÓTELES, *Poética* – tradução, introdução, comentários e apêndices de Eudoro de Souza, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda-FCSH da Universidade Nova de Lisboa, 1986.
- YEBRA, Valentín Garcia, *Apendice I* in ARISTÓTELES, *Poética de Aristóteles*, Ed. Trilíngue de V. García Yebra, Madrid:Gredos, 1992.